

QUE CAVAÇÃO É ESSA?
Curta-metragem, 35mm, 19 min, p&b/cor
Direção e roteiro: Estevão Garcia e Luís Rocha Melo
Produção: UFF
2008

Release:

O curta-metragem *Que cavação é essa?*, de Estevão Garcia e Luís Rocha Melo, é uma homenagem bem-humorada aos “filmes de *cavação*” da época pioneira do cinema brasileiro (anos 1910/1920) e aos “complementos nacionais” dos anos 1970, período em que vigorava a lei de exibição obrigatória de curtas-metragens nos cinemas comerciais.

Tal como um “programa duplo”, O filme é composto de duas partes distintas, a saber:

. na primeira parte, um “fragmento restaurado” de um documentário mostrando aspectos de um alegre churrasco na fazenda de um poderoso coronel. Este “fragmento”, mudo e em preto e branco, será uma reconstituição dos chamados filmes “naturais” (documentários).

. na segunda parte, outra reconstituição, desta vez de um curta em cores, sonoro, realizado em 1974: um “complemento nacional” que acompanhava obrigatoriamente o longa estrangeiro. Esta cine-reportagem abordará justamente a descoberta deste “fragmento” acima mencionado.

Que cavação é essa? trabalha com a experimentação de linguagens cinematográficas a partir de um ponto de vista histórico. A idéia central é reproduzir determinadas *texturas de imagem* (e, também, de som), que remetam tanto ao cinema do período mudo quanto aos curtas realizados nos anos 1970. Mas *Que cavação é essa?* também é uma denúncia: tanto o “filme de *cavação*” mudo quanto o “complemento nacional” realizado há apenas 30 anos, evidenciam a precariedade da conservação de filmes no Brasil.

Que cavação é essa? é uma produção da Universidade Federal Fluminense e foi realizado com os recursos do 1º Concurso Forcine para filmes universitários e teve sua estréia no Festival de Brasília, em 2008.

Sobre o cinema de “cavação” - Dados históricos

“O meio sujo dos cavadores, piratas, imbecis, ignorantes de cinema e até ladrões...” (Adhemar Gonzaga)

“Ao fim de certo tempo, todo filme de ficção acaba se transformando num documentário.” (Jurandyr Noronha)

“Por outro lado, o filme era completamente ignorado enquanto objeto cultural. Produzido por uma máquina, como a fotografia, ele não poderia ser uma obra de arte ou um documento. É significativo que os cine-jornais

jamais tenham tido outro autor reconhecido além da empresa que os produziu. O homem da câmera não pertence à sociedade dirigente, ao mundo dos letrados. Ele é simplesmente um caçador, um caçador de imagens. Produzida assim, órfã, a imagem é perfeita para se prostituir para o povo. Para a sociedade cultivada e para os notáveis, o cinema é um espetáculo de párias.” (Marc Ferro)

Os chamados “filmes de cavação”, cuja denominação pejorativa reflete o desprezo que a atividade recebia do próprio meio cinematográfico das primeiras décadas do século XX, representaram grande parte da produção fílmica rodada no Brasil naquele período. Contudo, a historiografia clássica do cinema brasileiro quase sempre desconsidera esta produção, privilegiando os filmes de ficção (ou “filmes posados”, segundo a denominação da época) em detrimento dos “naturais” – como também eram conhecidos os “filmes de cavação”.

A atividade de um “cavador” poderia ser tanto a de um produtor quanto a de um cinegrafista, ou ainda a de um professor em efêmeras escolas de cinema. Os “naturais” abordavam, entre outros assuntos, eventos sociais e cerimônias políticas (futebol, carnaval, inaugurações, chegada e partida de vultos políticos). O ponto de vista destes documentários era, quase sempre, o do poder.

Os filmes de cavação também poderiam ser financiados pelo Estado, sob a forma de *cineljornais*, ou então por particulares (em geral, pessoas ricas e influentes da elite rural ou urbana). Também, nestes casos, a predominância do olhar era a do poder, e os filmes resultavam em institucionais ou documentários que serviam a diferentes propósitos: valorizar o nome de alguma família ou as terras de algum fazendeiro, registrar os atos de algum político, ressaltar as vantagens de alguma fábrica ou de algum produto. Em todos os casos, a atividade de “cavação” era profundamente dependente desta elite financiadora - situação que, enfim, não se diferenciava tão completamente da produção dos filmes de ficção.

Enquanto os cinemas europeu e norte-americano abasteciam o mercado cinematográfico brasileiro com filmes de ficção, sufocando a produção local de longas-metragens “de enredo”, os “naturais” ganhavam um terreno que permanecia sem concorrência com o produto estrangeiro. Essa situação estimulou a atividade dos “filmes de cavação” e a produção de documentários e de cinejornais, assegurando a continuidade, a manutenção e o aperfeiçoamento não só dos profissionais como dos equipamentos de filmagem e dos laboratórios. Verifica-se, portanto, que, durante o período heróico do *primeiro cinema* no Brasil, até mais ou menos meados dos anos 1930, o que sustentou a produção cinematográfica brasileira não foi o filme de ficção – e sim, o filme documental “de cavação”.

Ficha técnica

Elenco: Cosme Monteiro, Sílvia de Carvalho, José Marinho, Érica Collares, Hernani Heffner, Severino Dadá, Godot Quincas, Otávio Reis, Anna Karinne Ballalai, Lizandra Miotto, Luiz Carlos dos Santos, Cláudia Gomes, Rodrigo Bouillet, Luísa Marques, Thaís Barreto, Fabián Núñez, Luiz Carlos Oliveira Jr., Gilberto Silva, Luís Rocha Melo, Antonio Martins de Pinho, Rebecca Ramos, Lúcia Ferreira, Eduardo Ferreira, Amanda Vaz, Davi Monteiro

Direção de fotografia: William Condé

Still: Bia Marques e Thaís Grechi

Assistentes de fotografia: Bia Marques, Lucas Barbi, Maria Thereza Soares, Nina Tedesco e Thaís Grechi

Som direto: Ives Rosenfeld

Assistentes de som: Dionísio Ferreira e Rodrigo Maia

Direção de arte: Mariana Kaufman e Paula Gurgel

Assistente de arte: Clemilda Oliveira

Letreiros: Paula Gurgel

Cartaz: Simone Albertino

Figurino: Maíra Sala e Rebecca Ramos

Assistentes de figurino: Gisella Cardoso e Letícia Carvalho

Maquiagem: Lucíola Kate

Montagem: Gustavo Bragança

Edição de som: Luís Eduardo Carmo

Locução: Jorge Ramos (Estúdio Som de Vera Cruz)

Trilha sonora original: Filme

Truca: Joaquim EufRASino (Babá)

Eletricista e motorista: Júnior Moura

Motoristas: Rafael de Barros, Sérgio de Abreu, Sérgio Lima de Abreu Jr. e Márcio Teixeira Bastos

Produção executiva e direção de produção: Rodrigo Bouillet e Raquel Rocha

Assistentes de produção: Anna Karinne Ballalai, Luísa Marques e Thaís Barreto

Platô: Thaís Barreto

Assistentes de direção: Rodrigo Bouillet e Thaís Barreto

Produção de finalização: Thaís Grechi e Gisella Cardoso

Assistentes de finalização: Fabiane Marcondes e Maria Thereza Soares

Produção: Universidade Federal Fluminense

Roteiro e direção: Estevão Garcia e Luís Rocha Melo